

ZINE CONSCIENTE



#50

**Capitalismo em metamorfose:
uma nova consciência para
um novo “normal”**

“Encontrou-se, em boa política, o segredo de fazer morrer de fome aqueles que, cultivando a terra, fazem viver os outros” *Voltaire*

Um cenário desolador

“Enquanto os homens exercem seus poderes poderes, morrer e matar de fome, de raiva e de sede são tantas vezes gestos naturais”. - *Caetano Veloso*

Recente pesquisa realizada pela ONG Oxfam mostra que enquanto o Brasil enfrenta a crise sanitária causada pelo novo coronavírus e um terço da população luta para receber um auxílio emergencial de seiscentos reais, 42 bilionários enriqueceram ainda mais, ao aumentar suas fortunas em 34 bilhões de dólares. Ou seja, a pandemia do Covid 19 desencadeia um impacto devastador sobre a economia, com a necessidade de isolamento social prejudicando gravemente o binômio produção/consumo e o setor de serviços, com recessão, desemprego e fechamento de pequenos empreendimentos, mas por outro lado, paradoxalmente, pode ser uma excelente oportunidade para alguns poucos expandirem seus ganhos.

E as desigualdades devem continuar crescendo, em meio ao flagelo social. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informou que entre março e maio deste

Figura 1.0: Desigualdade social brasileira: um fardo histórico agravado durante a pandemia de Covid-19.



Fonte: <http://abet-trabalho.org.br/a-pandemia-de-covid-19-aprofunda-e-apresenta-as-gritantes-desigualdades-sociais-do-brasil-entrevista-com-tiaraju-pablo-dandrea/>

ano 7,8 milhões de brasileiros perderam o emprego enquanto 522,7 mil micro e pequenas empresas fecharam suas portas só na primeira quinzena de junho.

De acordo com um relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) publicado em dezembro de 2019, o Brasil é o oitavo país do mundo com maior desigualdade social (índice de Gini de 0,591), embora o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) seja relativamente alto (0,761).

O Índice de Gini, idealizado pelo matemático italiano Conrado Gini (1884-1965), é um instrumento usado para avaliar o grau de concentração de renda em determinado grupo. Ele aponta diferenças entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos, variando de zero a um. O valor

Figura 1.1: Índice de Gini (PNUD-2019).

Alguns exemplos do Índice de Gini

Posição ranking mundial	País	Índice
1	Hungria	0,244
2	Dinamarca	0,247
3	Japão	0,249
34	Índia	0,325
67	Portugal	0,385
76	EUA	0,408
90	China	0,447
93	Rússia	0,456
109	Argentina	0,522
112	México	0,546
118	Chile	0,571
119	Colômbia	0,576
120	Brasil	0,591
121	África do Sul	0,593
127	Namíbia	0,707

Fonte: PNUD, 2019.

zero corresponde a uma utópica situação de igualdade, onde todos possuiriam a mesma renda, enquanto o valor um está no extremo oposto, ou seja, uma só pessoa deteria toda a riqueza gerada. Na prática, o Índice de Gini compara os 20% mais pobres com os 20% mais ricos. No Relatório de Desenvolvimento Humano 2019, elaborado pelo PNUD, o Brasil aparece com Índice de 0,591, quase no final da lista de 127 países. Apenas sete nações apresentam concentração de renda mais acentuada – e perversa – que a nossa.

Se considerarmos apenas o 1% mais rico da população, a situação mostra-se ainda mais crítica: o Brasil fica em segundo lugar em má distribuição de renda entre sua população, atrás apenas do Catar. Aqui, o 1% mais rico concentra 28,3% da renda total do país (no Catar essa proporção é de 29%). Isso significa que quase um terço da renda está nas mãos dos mais ricos, sendo que os nossos 10% mais abastados concentram 41,9% da renda total.

Se considerarmos a economia global, a expansão da riqueza gerada pelo acelerado processo de industrialização e o aumento da produtividade propiciado pelo advento dos modernos recursos tecnológicos experimentou extraordinária aceleração após os conflitos mundiais da primeira metade do século XX. Apesar de todo esse desenvolvimento econômico, centenas de milhões de pessoas seguem abaixo da linha de miséria absoluta em todas as partes do planeta. Por outro lado, a quantidade de pessoas cuja fortuna ultrapassa a marca de 1 bilhão de dólares atingiu recentemente seu recorde histórico, com o surgimento de uma nova estrela a brilhar nessa privilegiada constelação a cada dois dias. Hoje existem 2.043 bilionários (em dólares) ao redor do mundo.

A distribuição da riqueza acumulada por este seleto grupo seria suficiente para acabar com a extrema pobreza global até sete vezes.

Essa distribuição absurdamente desproporcional de riqueza torna-se ainda mais evidente ao constatarmos que o patrimônio de 1% da população mundial é superior ao dos 99% restantes, enquanto a riqueza de somente 42 destes felizardos indivíduos equivale à dos 3,7 bilhões mais pobres. De acordo com a Oxfam, dois terços de todo esse imenso patrimônio pessoal não têm sua origem no esforço empreendedor, mas sim em heranças, práticas monopolísticas, clientelismo e nepotismo.

Economia humanizada

“Se a miséria dos pobres não é causada pelas leis da natureza, mas pelas instituições, é grande o nosso pecado”.
- Charles Darwin

A condição de fome e miséria é frequentemente amenizada através de parcerias entre governos, voluntariado e instituições privadas, por meio de programas específicos de doação e reciclagem de sobras. Essas ações, no entanto, resolvem o problema apenas de forma paliativa. Enquanto isso, milhões de pessoas são mantidas à margem das condições mínimas de cidadania e sobrevivência digna nas trocas sociais.

A pobreza é um fenômeno relacionado a estruturas de poder. Ou seja, trata-se de uma questão de meios e fins – as capacidades humanas podem e devem ser fins em si mesmo, enquanto as capacidades produtivas, priorizadas até hoje, são consideradas apenas um meio para gerar o crescimento econômico:

“A principal distinção a ser feita é entre

meios e fins. O desenvolvimento dos recursos humanos vê os seres humanos apenas como um meio para uma maior produção de bens. O desenvolvimento humano, ao invés, vê as pessoas como um fim – vendo o seu bem-estar como o objetivo último do desenvolvimento. (...) As capacidades humanas, tais como o saber e a saúde, são mais do que meios para atingir o bem-estar humano. São componentes essenciais do bem-estar humano” (UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME – UNDP, 1996).

Um sistema econômico adequado seria aquele que: (a) produzisse o máximo possível daquilo que as pessoas necessitam e desejam; (b) com o menor gasto possível de matérias-primas; e (c) assegurasse um mínimo de bem-estar material a todos.

Faz sentido, então, perguntar: o que há de errado com um sistema econômico que bate recordes de geração de riqueza anualmente, promove surpreendentes avanços científicos, médicos e tecnológicos, mas ainda exclui uma grande parcela de sua população e degrada os recursos naturais do planeta? Esse questionamento demanda uma autoanálise – individual e coletiva – fundamentada em aspectos complexos, como:

• **Resgate da essência altruísta**

“Amar é dar o que não se tem a alguém que não o quer”. - Jacques Lacan

O comportamento altruísta é algo que, segundo os cientistas, nos distingue dos chimpanzés, nossos mais próximos “parentes” evolucionários.

Rodolfo Cortes Barragan, pesquisador de pós-doutorado da Universidade de Washington e principal autor de uma recente

pesquisa sobre o assunto, explica que os chimpanzés até conseguem ser colaborativos com seus pares em alguns contextos limitados – repartindo galhos, folhas e outros alimentos de menor valor nutritivo, mas “voluntariamente entregar comida (a um estranho) é algo virtualmente ausente” da conduta desses primatas.

“Eles não estão dispostos a compartilhar coisas como frutas – algo tão cheio de energia, tão delicioso, nutritivo, doce e importante em um contexto evolutivo. Não há nenhuma evidência de que um chimpanzé cederia a qualquer um desses objetos tão valiosos”, afirma Barragan.

Entre os humanos, por outro lado, dividir “é uma parte importante do tecido social”. Até em períodos de guerra e escassez de alimentos, muitas pessoas cedem comida a outras em situação mais crítica, mesmo se tratando de “circunstâncias em que dar comida a terceiros pode ameaçar a própria sobrevivência”.

Em um laboratório da Universidade de Washington, bebês de um ano e meio contemplavam com expressão de desejo pequenos pedaços de frutas que caíam à sua frente, das mãos de uma pessoa desconhecida. E, mesmo sendo hora da refeição, vários deles devolviam as frutinhas para o desconhecido. De acordo com os estudiosos, estes são sinais claros de uma característica tipicamente humana: o altruísmo, isto é, a disposição para compartilhar, cedendo benefícios aos outros.

Uma equipe do Instituto de Aprendizado e Ciências do Cérebro da mesma universidade americana avaliou o comportamento de quase cem bebês de dezenove meses diante de um quitute que agrada muito a crianças dessa idade: pedacinhos de frutas apetitosas, como banana, morango e uva

(UNIVERSITY OF WASHINGTON, 2020). No experimento, um pesquisador (até então desconhecido da criança) mostrava pedacinhos de frutas e fingia derrubá-los sem querer. Ele então esticava as mãos, indicando querer as frutinhas de volta, mas sem solicitar verbalmente.

Figura 1.2: Barragan mostra um pedaço de morango a um dos bebês do estudo. Logo em seguida, ele deixa cair a fruta. O bebê a pega na mão e devolve ao pesquisador.



Fonte: UNIV OF WASHINGTON I-LABS/BARRAGAN, BROOKS, MELTZOFF. Disponível em: <https://www.washington.edu/news/2020/02/04/altruistic-babies-study-shows-infants-are-willing-to-give-up-food-help-others/> Acesso em: 06/08/2020.

Dentre os bebês participantes, 58% não comeram as frutinhas, devolvendo-as prontamente ao pesquisador – uma quantidade considerável de bebês engajados em um comportamento altruísta em relação a um estranho.

“Estudar o altruísmo nessa idade pode nos ajudar a explicar as raízes (desse comportamento), para que possamos entender por que os humanos praticam o altruísmo e

quando ele começa, e para que então possamos promovê-lo e incentivá-lo à medida que as crianças crescem e se tornam adultos”.

Barragan sustenta que o comportamento solidário infantil observado em seu laboratório reflete a cooperação que os bebês testemunhavam (ou não) em seus próprios ambientes comunitários e domésticos. Assim, grupos e culturas mais interdependentes, que valorizam relações mais empáticas e harmoniosas, podem influenciar positivamente o comportamento de seus bebês.

“Achamos que há duas coisas em curso: primeiro, as crianças assistindo a outras pessoas – a mãe com o pai ou uma vizinha – e posteriormente aprendendo e lembrando-se dessas interações. Segundo, existem as brincadeiras infantis que estimulam o engajamento social, como o jogo de ‘esconde/achou!’ (em que o adulto esconde a própria face e depois a mostra, para provocar uma risada). Crianças mais engajadas socialmente com seus pais ou cuidadores podem ficar mais preparadas para a colaboração futura positiva com outras pessoas.”

Barragan prosseguirá com suas pesquisas, buscando mais pistas sobre como incentivar o comportamento solidário à medida que as crianças crescem e tornam-se adultas.

Por enquanto, o mais importante é: “tentar estabelecer um ambiente positivo e respeitoso com os demais, de modo que estejamos sintonizados com as necessidades dos outros. Quando atingirmos essa empatia, então poderemos colaborar com as outras pessoas”.

• **Cultura de reciprocidade**

“Quando um homem é bom amigo,

também tem amigos bons”. - Nicolau Maquiavel

De acordo com o teórico social e professor de Harvard Yochai Benkler, o ser humano é uma criatura extremamente complexa e não pode ser enquadrada em modelos econômicos simplistas, que pregam comportamentos agudamente altruísticos ou individualistas. Ou seja, algumas vezes podemos agir por interesse próprio e racionalidade instrumental, enquanto em outras seremos tomadas pela solidariedade e pelo sentimento de cooperação (BENKLER, 2006).

“O desenvolvimento de cada destino do homem pode ser representado como uma alternância ininterrupta entre laços e desenlaces, obrigação e liberdade” (SIMMEL, 1999, p.283). A Revolução Industrial, iniciada ainda no século XVIII, trouxe consigo não apenas desenvolvimento e modernidade, mas também a separação entre os objetos produzidos e as relações sociais. Ou seja, o mundo material foi se afastando das bases sociais de troca, confiança e reciprocidade vigentes até então, passando a predominar as leis do mercado e o poder do Estado.

O senso de obrigação mútua, representado na democracia contemporânea por uma noção de bem público, encontra-se há séculos sufocado pelo individualismo extremo. Reavivá-lo não é tarefa simples, mas exige, primeiramente, a instauração de uma cultura de reciprocidade em todos os campos da vida.

No contexto corporativo, um bom exemplo desta reciprocidade é o empresário que, nos períodos em que os resultados da organização crescem exponencialmente, premia todos os seus colaboradores, do faxineiro ao diretor.

Não se trata de uma questão de assistencialismo, mas sim do reconhecimento de que um empreendimento é um sistema orgânico cuja prosperidade dependerá sempre da adesão de cada membro. Naturalmente, cada um receberá uma participação proporcional à responsabilidade de sua função, mas não existirá tanta disparidade. A reciprocidade na remuneração tende a gerar níveis mais altos de comprometimento e motivação, alimentando um extraordinário círculo virtuoso de qualidade de vida e bom desempenho.

De acordo com o empreendedor bilionário Nick Hanauer, economias de sucesso não são selvas, mas jardins. Os mercados, assim como os jardins, precisam ser cuidados para que possam seguir como a maior tecnologia social já criada para solucionar nossos problemas – e isso envolve necessariamente normas sociais generosas e regulações democráticas. A inclusão proporciona crescimento econômico, uma vez que a economia é feita de pessoas e a inclusão de mais dessas pessoas de diversas maneiras é o que irá assegurar o crescimento econômico nas economias de mercado.

• **Contrato social sustentável**

“O homem nasceu livre e por toda parte vive acorrentado. Um determinado indivíduo acredita-se senhor dos outros e não deixa de ser mais escravo do que eles”. - Jean-Jacques Rousseau

Em meados do século XVIII, o filósofo suíço Jean Jacques Rousseau (1712-1778) já pregava: “Uma sociedade só é democrática quando ninguém for tão rico que possa comprar alguém e ninguém seja tão pobre que tenha de se vender a alguém”. Em pleno século XXI, no entanto, nosso mundo ainda é marcado por dramáticas desigualdades sociais.

Numa hierarquia global perversa, milhões de pessoas vivenciam um ciclo de pobreza e dívida. Movidas pelo desespero, várias delas chegam a vender um rim ou uma parte de seu fígado. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, cerca de 10 mil operações de mercado negro envolvendo órgãos humanos acontecem a cada ano, conectando o destino de moradores das regiões prósperas (pacientes em busca de órgãos) ao destino de habitantes das regiões pobres, cujo único bem é o próprio corpo (WHO, 2012).

“Continentes, raças, classes, nações e religiões se mesclam nas paisagens corporais dos indivíduos em questão. Rins muçulmanos purificam sangue cristão. Racistas brancos respiram com a ajuda de pulmões negros. O gerente louro vê o mundo com o olho de uma criança de rua africana. Um bispo católico sobrevive graças ao fígado removido de uma prostituta numa favela brasileira. Os corpos dos ricos estão se transformando em hábeis montagens de patchwork, os dos pobres, em depósitos de partes sobressalentes com um só olho ou rim. A venda fragmentada de seus órgãos está se tornando assim o seguro de vida dos pobres, em que eles sacrificam parte de sua existência corporal para assegurar sua futura sobrevivência. E o resultado da medicina de transplantes global é o ‘cidadão do mundo biopolítico’ – um corpo masculino, branco, em forma ou gordo, em Hong Kong, Londres ou Manhattan, equipado com um rim indiano ou um olho muçulmano” (BECK, 2018).

A crise humanitária imposta pela Covid-19 acelerou o processo de convulsão política e social, com a explosão simultânea de rebeliões, golpes, guerrilhas urbanas e eleições polarizadas em vários países ao redor do mundo. Há um processo em marcha de revolução globalizada – nesse contex-

to, destaca-se a luta contra a miséria e por igualdade racial, direitos civis, liberdade e democracia social.

Esse conflito só poderá ser resolvido com o fortalecimento do “tripé da sustentabilidade”, definido pelo social, ambiental e econômico. Nesse sentido, o primeiro passo é desmistificar o papel da camada mais pobre da população na economia.

Segundo John Hope Bryant, empresário e educador financeiro norte-americano, essas pessoas são “o carvão que alimenta nossa locomotiva econômica, e, se Wall Street, os bancos e grandes corporações querem fazer dinheiro e aumentar sua riqueza, precisam que esse segmento se torne mais forte e estável. Isso, invariavelmente, significa expandir as oportunidades por meio de empregos bem remunerados e pequenas empresas, juntamente com a inclusão e o know-how financeiros” (BRYANT, 2016).

Em momentos de instabilidade como o atual, os carentes e a classe média sentem-se inseguros quanto ao futuro e param de gastar em produtos de consumo, desaquecendo o comércio e aprofundando a crise econômica. Para Bryant, “as pessoas que movimentam nossa economia recebem pouca consideração, ainda menos respeito e quase nenhuma deferência” (BRYANT, 2016).

Nas últimas décadas, as chances democráticas de ascensão social que fundamentaram o sucesso do capitalismo em seus primórdios tornaram-se cada vez mais escassas e obscuras. A maioria das pessoas está disposta a arriscar e empreender, desde que vislumbre uma chance real de realizar seus sonhos – paralelamente, elas não ligam que seus vizinhos sejam mais bem-sucedidos, afinal todos querem enriquecer. O problema instala-se quando o jogo

parece estar viciado, ou seja, quando surge a percepção de que, não importa o quanto se esforcem, elas simplesmente não conseguirão avançar.

A prosperidade – seja de uma empresa, de uma cidade ou de um país inteiro – só é possível quando existe um elevado nível de energia econômica individual, que, por sua vez, só estará presente quando houver uma percepção de justiça e oportunidades para todos. A atual face do capitalismo – monopolista e excludente – não é apenas cruel do ponto de vista social, mas está também condenada no âmbito financeiro. Precisamos de um novo contrato social, sustentável a médio e longo prazo. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- **PNUD, 2019.** Disponível em: <https://www.br.undp.org/> Acesso em: 30/07/2020.
- **UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME – UNDP, 1996.** Human Development Report 1996. New York: Oxford University Press.
- **UNIVERSITY OF WASHINGTON, 2020.** Altruistic babies? Study shows infants are willing to give up food, help others. Disponível em: <https://www.washington.edu/news/2020/02/04/altruistic-babies-study-shows-infants-are-willing-to-give-up-food-help-others/> Acesso em: 06/08/2020.
- **BENKLER, Yochai.** The Wealth of Networks: How Social Production Transforms Markets and Freedom. Yale University Press, 2006.
- **SIMMEL, G.** The philosophy of money. Londres: Routledge & Kegan, 1999.
- **WHO, 2012.** WHO: 10,000 black market kidney transplants occur each year. Disponível

em: <https://www.advisory.com/daily-briefing/2012/05/29/10000-black-market-kidney-transplants-occur-each-year>

- **BECK, Ulrich.** A Metamorfose do Mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- **BRYANT, John Hope.** Como os Pobres Podem Salvar o Capitalismo. Reconstruindo o Caminho para a Classe Média. Citadel Editora, 2016.
- **DUPAS, G.** Economia política como ciência do progresso. In: O mito do progresso, ou progresso como ideologia. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

